ISSN: 2358-8829

RETRATOS DAS DIFERENÇAS NAS NARRATIVAS LITERÁRIAS ENDEREÇADAS À INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTATIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Jemima Marinho Abreu[1]

INTRODUÇÃO

Transitando pela realidade do ambiente escolar, é possível deparar-nos com uma pluralidade de sujeitos marcados por diferentes identidades. Com vistas a suprir uma sociedade pautada pelas diferenças, urge refletir sobre como estes temas chegam às crianças brasileiras e o campo da literatura encontra nos espaços escolares um cenário privilegiado para tais desdobramentos.

Assim, nesta pesquisa, a articulação da diversidade e literatura é resultado de várias experiências pedagógicas ao longo da minha trajetória acadêmica, cujas inquietudes voltaram a reverberar em mim, quando iniciei minha jornada lecionando nos anos iniciais do ensino fundamental, mediante a dificuldade em encontrar livros, dentro do contexto escolar, com protagonistas que contemplem a diversidade.

Compreendo que o conhecimento, em sua vasta multiplicidade, pode e deve ser fomentado desde a tenra idade, evidentemente, levando em consideração a metodologia de trabalho e o nível de complexidade compatível com os leitores e leitoras. Portanto, o objetivo dessa pesquisa é tecer reflexões sobre a importância da representatividade na literatura direcionada à infância, por meio das obras que circulam na educação básica.

Contudo, para além de haver representatividade, há de se ter cuidado em evitar o reforço de estereótipos, na relação entre personagens, protagonismo e subalternidade, exclusão, marginalização e estigmas. Que lugar/posição os grupos minorizados ocupam na literatura pensada para o público infantil? Os livros que circulam nas instituições escolares são calcados nos princípios da alteridade? As aparições e eventuais discussões se dão de forma diretiva ou abertas à interpretação?

Para refletir sobre essas indagações, realizei uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de um estudo bibliográfico e fundamentada teoricamente, sobretudo, nas contribuições de Abramovich (1997), Meireles (1994) e

[1] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, jemimaabreu.2@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

Silveira *et al* (2012), entre outras autoras e autores que articulam literatura, infância e diversidade.

Com isso, a pesquisa buscou realizar uma incursão na literatura para crianças e problematizar a importância de rever a versão eurocêntrica da história que não dá conta de contemplar a riqueza da diversidade brasileira. O que se põe em xeque é a demarcação da representatividade dos grupos minorizados de forma que não venha reforçar estereótipos, mas que as represente de forma natural, sem todo um apelo que acaba por reduzir os indivíduos a sua diferença.

LITERATURA INFANTIL?

Abordar a literatura destinada à infância implica considerar em quais bases ela se sustentou para melhor compreensão de suas características e transformações. Para isso, pretende-se apresentar, ainda que brevemente, o percurso histórico de suas concepções, puxar diferentes fios e cruzá-los entre si, buscando esclarecimentos que permitam compreendê-la atualmente. Primeiramente, é prudente elucidar o que, afinal, é corriqueiro caracterizar-se como obra infantil. Sobre isso, Meireles (1994, p. 20) reflete que:

> Evidentemente, tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil[...]. São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem (sic) com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil *a priori*, mas *a posteriori*.

A autora supracitada sugere que ao invés de classificar como habitualmente se faz, com base em parâmetros estabelecidos pelo critério comum dos adultos, mais coerente seria submetê-lo ao uso da criança, a maior interessada na questão. Esta, por sua vez, manifestará pela sua preferência, se é uma obra que a satisfaz ou não. Seguindo essa lógica de pensamento, Coelho (2000, p. 27) afirma que "a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra". Com isso, pode-se compreender que a literatura escrita para leitores em processo de formação pode ser tão complexa e elaborada quanto

ISSN: 2358-8829

aquela produzida para um público com competências leitoras supostamente mais desenvolvidas.

Nessa abordagem, há casos de leituras inicialmente pensadas para adultos, mas que passaram a ser apreciadas pelo público infantil, como é o caso do romance *Robinson Crusoé* (Defoe, 1884), um clássico publicado originalmente em 1719, no Reino Unido. Desta maneira, torna-se evidente que a literatura infantil, em vez de se resumir ao que se escreve para as crianças, seria o que as crianças leem com agrado (Meireles, 1984).

Não obstante, isso não quer dizer que seja desnecessário escrever para a infância. Na perspectiva de Meireles (1984), há muitos livros especialmente escritos para as crianças que alcançaram êxito, como é o caso de *Alice no País das Maravilhas* (Carroll, 2021), publicada pela primeira vez em 1865, que foi contada para entreter três irmãs e pedido de uma delas, Alice, a história foi escrita para não ser esquecida. De fato, apesar da vida privada do escritor Lewis Carrol ser carregada de mistérios e especulações polêmicas, esta obra e as que a sucederam, não foram esquecidas e atravessam gerações, com vigor.

Contextualizando historicamente, no século XVII, observa-se que algumas histórias escritas na França foram consideradas apropriadas à infância e incorporadas ao novo "gênero" literário que surgia. No entanto, no entendimento de Zilberman (1998), a literatura pensada para o público infantil se constituiu no século XVIII, atrelada a uma visão da infância caracterizada pela fragilidade física e moral, como também pela imaturidade intelectual e afetiva das crianças. Os primeiros textos foram escritos por pedagogos, com forte caráter formativo, traços que perduram em algumas obras contemporâneas ao público infantil.

No Brasil, há divergências quanto ao aparecimento da literatura ligada à infância. Para Almeida (1986) o primeiro livro do "gênero" surgiu em 1894: *Os contos da Carochinha*, do jornalista Alberto Pimentel (2005). Porém, na percepção de Coelho (1991, p. 211), anteriormente já haviam sido publicadas narrativas que se destinavam à "diversão e instrução da infância", a exemplo, *Contos Infantis: em verso e prosa* de Júlia Lopes de Almeida e Adelina A. Lopes Vieira (1913), publicado em 1886.

Contudo, o alavancar da literatura pensada para a infância ocorreu nas décadas de 1970 e 1980, com o aperfeiçoamento da indústria gráfica. Além das narrativas encantadoras, os livros passaram a contar com ilustrações complexas e projetos gráficos

ISSN: 2358-8829

inovadores, atraindo também o público adulto, o que vem causando controvérsias em relação à concepção de que “livros infantis são para crianças” (Pinheiro; Tolentino, 2020).

A REPRESENTATIVIDADE NA LITERATURA DIRECIONADA À INFÂNCIA

Já no final do século XX, Pinsent (1997) publicou uma obra na qual analisou as políticas de igualdade na literatura destinada às crianças, detendo-se na investigação de preconceitos relacionados a gênero, etnia, idade e deficiência presentes em parte das obras voltadas ao público infantil. O estudo permitiu esboçar que as representações podem reforçar estereótipos e processos de exclusão, demonstrando que as narrativas destinadas às crianças não são neutras, mas veiculam visões de mundo que podem tanto reproduzir preconceitos quanto promover reflexões críticas sobre as diferenças.

Em relação à abordagem das diferenças na literatura, Silveira *et al* (2012, p. 20) compreendem que no Brasil

> [...] desde meados da década de 1990, com incremento nos anos 2000, temáticas ligadas às diferenças, como etnia, deficiência física e mental, gênero, orientação sexual, velhice, obesidade, passaram a constituir campo fértil para a literatura infantil, dada a quase consensual concepção - entre os educadores - de que a abordagem de temas por meio de produtos culturais de 'entretenimento' como livros de literatura infantil, filmes, desenhos animados, jogos, é sempre mais produtiva e fecunda.

No caso brasileiro, nas últimas duas décadas, a temática das diferenças passou a ocupar um espaço cada vez mais significativo na literatura destinada ao público infantil. Observa-se um crescimento contínuo de obras que abordam, em suas narrativas, diferentes formas de diversidade. Nesse contexto, também se consolidam nichos específicos dentro do campo literário, muitas vezes marcados pela adjetivação do termo “literatura”, como ocorre com a literatura indígena, a literatura negra e a literatura surda (Kirchof; Bonin; Silveira, 2013). Esse fato pode estar atrelado ao incremento de ações, políticas governamentais de inclusão social e mudanças nos dispositivos legais do campo da educação, o que tem contribuído para impulsionar e dinamizar a discussão sobre as diferenças no âmbito escolar.

ISSN: 2358-8829

No contexto de escolarização, Carvalho (1989) argumenta que a literatura é um dos meios mais eficazes para o desenvolvimento da personalidade da criança e é um passaporte para experiências cognitivas e pedagógicas, além de propiciar prazer estético. A autora defende ainda que o importante é interessar a criança sob vários aspectos, como intelectual, emocional, psicológico, social e ambiental. Nessa perspectiva,

> Abordar a leitura sob esse viés multifacetado, plural, aponta para o fato de que não só de palavra vive o leitor de um texto: há inter-relações que se estabelecem entre as diferentes linguagens expressivas. [...] Imagens que se desenham em nossas retinas, sons que evocam memórias vividas, que acolhem nossa possibilidade de atribuir sentidos reconfigurados a palavras e a objetos já vistos, saberes já cristalizados (Silveira *et al*, 2012, p. 35).

Além disso, a construção da identidade na infância é marcada pelas experiências vividas no ambiente escolar, ambiente este que concentra os principais elementos de segregação, ou como Bourdieu e Passeron (1992) sugerem, é um terreno reprodutor da desigualdade social. Acreditando que a literatura faz parte desse meio, importa considerar que as imagens de infância que acompanham e sustentam a literatura voltada para este público se vinculam estreitamente ao modo como ela se articula aos demais campos da cultura, com os quais mantém relações de interdependência.

Na visão de Costa (2007, p. 27), pelo contato com a literatura infantil, "[...] a criança estará formando o modo de pensar, os valores ideológicos, os padrões de comportamento de sua sociedade e, em especial, estará alimentando seu imaginário." Partindo dessa premissa, destaca-se a importância de proporcionar a crianças e jovens o acesso a obras literárias oriundas de diferentes tradições culturais. Embora seja fundamental que conheçam os valores, as ideologias, os comportamentos e também as formas de narrativa presentes em sua própria sociedade, é igualmente necessário que tenham contato com produções de outros grupos culturais.

Esse movimento amplia a compreensão da própria realidade social e favorece o reconhecimento da diversidade. Nesse sentido, a construção de repertório cultural e o desenvolvimento das competências leitoras, podem ser potencializados por meio da leitura de textos que despertem a curiosidade, promovam o senso de descoberta, contribuam para a desconstrução de preconceitos e estimulem a reflexão crítica. Em concordância, Abreu (2006, p. 111) salienta que

ISSN: 2358-8829

> [...] pode ter muito interesse ler e estudar literatura, pois ela pode favorecer o encontro com a Alteridade (alteridade de temas, alteridade de modos de se expressar, alteridade de critérios de avaliação). Não se encontrou, até hoje, nenhum povo que não contasse histórias ou que não cantasse, mas cada povo, ou cada grupo, tem um jeito próprio de fazer isso e uma maneira peculiar de apreciar estas produções.

Segundo Jordão (2011, p. 291), "a sala de aula de literatura precisa ser valorizada como lócus potencial para a transformação dos processos interpretativos de alunos e professores, como espaço de confronto com o legitimado". Essa tradição pedagógica em difundir concepções multiculturalistas que propõem a tolerância, o respeito, à inclusão e, em alguns casos, a valorização das diferenças, impulsionou críticos e intelectuais a se dedicarem à análise e à desconstrução de representações estereotipadas, quando não abertamente discriminatórias, de grupos minorizados em livros destinados às crianças.

Tomando como exemplo, após a análise de diversas obras, Silveira *et al* (2012, p. 63-64) compreendem que "[...] há dois grandes grupos de livros infantis que abordam a temática da deficiência: de um lado muito expressivo de obras tende a apresentar narrativas construídas de forma linear e com o intuito pedagógico evidente." Em determinados casos, a histórica costuma ser previsível, com soluções harmoniosas para os conflitos existentes, cuja diferença/deficiência não é um empecilho para a felicidade. Os autores alertam que "essa necessidade de superação ou apagamento da diferença, impostas pela retórica da compensação, [...] corre o risco de legitimar a visão do deficiente como um ser anormal que é necessário corrigir, sendo que essa 'correção' se daria, nas narrativas, a partir do esforço por parte dos protagonistas para superar as limitações impostas pela condição da deficiência" (Silveira et al, 2012, p. 80-81).

Fanny Abramovich (1997) também direciona a atenção para o reforço de estereótipos adotados na maioria dos livros, alertando sobre como a estética e características dos personagens se atrelam ao protagonismo ou lugar de subalternidade, por exemplo. Desta maneira, é preciso ter bastante cuidado ao selecionar livros para trabalhar com crianças, evitando obras que reforçam preconceitos, mesmo que sutilmente. Neste caso, recomendam-se livros que estimulem os indivíduos a ocuparem espaços e posições que desejam e não que os limitem, atribuindo um lugar imutável para tais.

No que diz respeito às ilustrações, as características das princesas e príncipes, por exemplo, costumeiramente se limitam a protótipos da raça ariana, loiros dos olhos azuis, corpo esbelto (Abramovich, 1997). Em relação aos homens pretos, a posição ocupada na esfera social corresponde ao setor serviçal, com trabalhos domésticos ou industriais. Em outros casos é desempregado, relegado à subalternidade, e muito por conta disso é apenas o coadjuvante no todo. No caso das mulheres, "[...] é cozinheira ou lavadeira, gordona e bunduda. Seu ótimo coração e seu colo amigo são expressos no texto ou talvez nas entrelinhas [...]" (Abramovich, 1997, p. 36-37), não importando se sua aparência não segue os padrões sociais, pois o que voga é sua eficácia no trabalho e sua bondade.

Avós e avôs costumam ser intimamente ligados à velhice, com traços que ultrapassam meio centenário de vida, retratados em poltronas, de pijama e no caso da avó, fazendo crochê, já o avô, geralmente lendo jornal e fumando cachimbo. Mais escutam do que se expressam e quando falam, remetem-se ao passado, deixando as crianças ficarem magicamente quietas para escutar (Abramovich, 1997).

Quanto às crianças, são ilustradas consoante os moldes criança-padrão, brancas de classe média, bem-vestidas e alimentadas, como se estas não pudessem estar despenteadas, com roupas amarrotadas e sujas, mesmo realizando atividades físicas, como jogar bola e pular amarelinha. Por outro lado, quando se pretende retratar crianças pobres, busca-se ser precisamente "realista" e trazer as características há pouco descritas (Abramovich, 1997).

Portanto, todas essas questões não contemplam as diferenças entre cada um de nós e a nossa capacidade de mudança. Nas palavras de Abramovich (1997, p. 41), "[...] como pessoas contraditórias que somos, conforme a visão que tenhamos de nós mesmos, do outro e do mundo, a cada etapa de nosso crescimento pessoal, a cada contato humano, a cada situação vivida ou evitada", podemos ser um pouco de tudo. Com essas análises, a autora em questão pretende esboçar que estes estereótipos pertencem à estética europeia e não representam a América Latina. Além disso, não dá lugar às descobertas, à ampliação dos horizontes e referências, visto que endossa os disparates impostos.

Até um período recente, essas diferenças eram frequentemente representadas de maneira estereotipada nos livros infantis, sem grande questionamento por parte do público leitor. No entanto, com a influência das perspectivas multiculturalistas e o

ISSN: 2358-8829

fortalecimento das políticas de inclusão, vem se observando nitidamente uma mudança importante na forma como personagens e identidades diversas são representadas em obras literárias (Kirchof; Bonin; Silveira, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidencia que a representatividade na literatura revela-se fundamental tanto para possibilitar que as crianças se reconheçam nas páginas dos livros, auxiliando na construção/reafirmação das identidades, quanto para a desconstrução de preconceitos e estereótipos em relação ao outro. Desse modo, a literatura pode constituir-se como um potente instrumento de conscientização e mobilização social, que cumpre seu papel quando comprometida com a alteridade.

Importa ressaltar que a disponibilização de obras literárias que contemplem a diversidade nos acervos das políticas de distribuição de livros destinados à educação básica, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) Literário, não garante, por si só, que essas obras cheguem efetivamente às salas de aula. Dessa maneira, é indispensável que os docentes participem de maneira criteriosa do processo de seleção dos acervos, considerando não apenas a qualidade estética das obras, mas também sua capacidade de suscitar reflexões acerca da identidade, da diversidade e do respeito às diferenças.

A inclusão dessas obras nos acervos escolares representa um importante avanço no processo de democratização do acesso à literatura e de valorização da pluralidade de vozes, experiências e culturas. Entrementes, seu impacto educativo depende, em grande medida, da mediação realizada pelo professor, responsável por criar condições para que a leitura ultrapasse a dimensão meramente instrumental e se constitua como uma experiência de formação humana. Assim, é imprescindível que essas obras sejam integradas a propostas pedagógicas intencionais e contextualizadas, capazes de promover o diálogo, a construção de sentidos, o desenvolvimento da empatia e o pensamento crítico.

Dado o exposto, espera-se que as reflexões possam trazer elementos teóricos para contribuir no subsídio de seleções de títulos mais adequados para professores e professoras trabalharem na educação básica, ao longo do ano letivo e para além dele.

Almeja-se, principalmente, ampliar os horizontes e perspectivas sobre as diferenças que permeiam em nossa sociedade.

Palavras-chave: Diferenças, Literatura, Infância, Representatividade, Escolarização.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

ALMEIDA, Renato. Literatura Infantil. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). **A literatura no Brasil**, vol.6. Rio de Janeiro/Niterói: José Olympio e EDUFF, 1986.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. **Decreto 9.099, de 18 de julho de 2017**. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/> Acesso em: 05 fev. 2025.

BRASIL. **Edital PNLD Literário**. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Programa Nacional do Livro e do Material Didático - Literário. Disponível em: https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/consultas-editais/editais/edital-pnld-2023 >. Acesso em: 06 fev. 2025.

BRASIL. **Guia literário PNLD 2018 LITERÁRIO**: Ensino Fundamental. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld/item/12103-guia-pnld-literario-2018> Acesso em: 06 fev. 2025.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Editora Bibliomundi Serviços Digitais LTDA, 2021.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil**: visão histórica e crítica. 6. ed. São Paulo: Global Universitária, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do Ensino da Literatura Infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé**. Trad. Carlos Jansen. Rio: Laemmert [outubro de 1884, data do prefácio].

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JORDÃO, Clarissa Menezes. Da educação literária. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto (Org.). **Margens Instáveis**: tensões entre teoria, crítica e história da literatura. Maringá: Eduem, 2011. p. 287-295.

KIRCHOF, Roberto Edgar; BONIM, Iara Tatiana; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Apresentação Literatura Infantil e Diferenças. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1045-1052, out./dez. 2013 Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/kwgdX3crdRW8rCq9GyMsxvn/?lang=pt Acesso em: 01 jul. 2026.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PIMENTEL, Alberto Figueredo. **Contos de carocinha**. Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Ltda., 2005.

PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica Mariana Andrade. A literatura infantil em perigo: políticas públicas e o controle da leitura. **Caderno de Letras,** Pelotas, n. 38, pp.169-182, set-dez 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/inde > Acesso em: 06 fev. 2025.

PINSENT, Pat. ***Children's Literature and the Politics of Equality***. *London: David Fulton publishers*, 1997.

SILVEIRA, Rosa Hessel *et al*. **A diferença na literatura infantil**: narrativas e leituras. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

VIEIRA, Adelina Lopes; ALMEIDA, Julia Lopes de. **Contos Infantis**: em verso e prosa. 9. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.